

# A Fragata

EDIÇÃO COMEMORATIVA  
DO JUBILEU DE PRATA DO  
COLÉGIO NAVAL



P  
359.9712 81  
F811

"A classe a que pertencemos  
só pode brilhar  
pelo conjunto de qualidades  
que habilitem o homem  
a desempenhar o sacerdócio  
de depositários da honra  
e glória da nação."

*(Joaquim Marques Lisboa - Almirante e Marquês de Tamandaré)*



**BAMERINDUS**

*Homenagem do Bamerindus à Marinha do Brasil,  
na passagem do Jubileu de Prata do Colégio Naval*



Nossa Capa:

Homenageando o Colégio Naval pela passagem de seu 25.º aniversário, renovamos a cores a capa da primeira edição de nossa revista, em que a conservação da imponente fachada, representa as tradições de Marinha e o colorido simboliza a evolução técnica no ensino e na formação de futuros oficiais.

## Sumário

- |    |   |
|----|---|
| 2  | Mensagem do Ministro da Marinha   |
| 4  | Homenagem ao Diretor Geral do Pessoal e ao Diretor de Ensino da Marinha |
| 6  | Homenagem ao Diretor e ao ComCA de CN                                   |
| 7  | Editorial   |
| 8  | O Colégio Naval   |
| 12 | Nostalgia   |
| 16 | O Colégio Naval dos anos sessenta                                       |
| 18 | O Colégio Naval aos vinte e um anos                                     |
| 21 | Homenagem   |
| 22 | O Corpo Docente e o Ensino na História do Colégio Naval                 |
| 25 | O Colégio Naval Hoje  |
| 28 | A Fragata — história de um ideal em forma de revista                    |



SOCIEDADE ACADEMICA  
GREENHALGH — 1976

PRESIDENTE:  
Roberto CARVALHO da Silva  
VICE-PRES: LEONAM dos Santos  
Guimarães  
SECRETÁRIO: Robson Pereira  
ANGRA  
DIRETOR DO GRÊMIO CULTURAL  
Claudio José Ribeiro SALLES



## A FRAGATA

AGOSTO 1976 —

Edição Comemorativa do  
Jubileu de Prata do C.N.

DIRETOR: Sérgio Merolla JUNGER  
REDATOR-CHEFE: Antonio R.  
PONTES LIMA Jr.  
SECRETÁRIOS: Maurício  
GROETAERS  
Vianna;  
Ereovaldo  
BIRKHOLZ  
Garcia Duarte  
FOTOGRAFIAS: Luis Alberto  
VIEIRA Jorge  
e  
ARQUIVO  
3.º SG-MU  
Antonio  
Batista dos  
Santos

Oficial Orientador: CT Manoel Luiz  
Carneiro  
BUSNARDO

Diagramação — Celso  
MESQUITA

Composta e impressa nas oficinas  
da Cia Brasileira de Artes Gráficas



## Mensagem do Ministro da Marinha no Jubileu de Prata do Colégio Naval

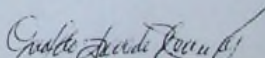
*Desde os primórdios da existência como nação livre, o Brasil tem tido o seu destino intimamente ligado ao mar.*

*Ainda hoje é vital a influência do poder marítimo na árdua batalha do desenvolvimento do país.*

*No reaparelhamento da Marinha, a aquisição ou construção de complexas armas de guerra precisa ser acompanhada de meticulosa preparação dos homens que irão guarnecê-las.*

*Mais que nunca, devem ser os nossos oficiais capazes, disciplinados e repletos de amor à Pátria, para que possam enfrentar e vencer os problemas inerentes aos equipamentos dos modernos navios e aeronaves.*

*Revestem-se assim de significação os votos que formulamos, no ensejo das comemorações do Jubileu de Prata do Colégio Naval, para que esse modelar estabelecimento prossiga no labor proficuo de moldar a juventude, que acolhe, ao pensamento, à expressão e às tradições da Marinha do Brasil.*

  
GERALDO AZEVEDO HENNING  
Ministro da Marinha



*Alte. de Esquadra,  
Carlos Auto de Andrade,  
Diretor Geral do Pessoal  
da Marinha.*

*Vice Alte.  
Eugenio Marques  
Rodrigues Frazão,  
Diretor de Ensino  
da Marinha.*





**TODO MUNDO ESTÁ VESTINDO ESTA CAMISA.**

**BRADESCO**



GRUPO BRADESCO S.A. - SÃO PAULO - SP



CMG — Jelcias Baptista  
da Silva Castro,  
Diretor do  
Colégio Naval.



CC — Renato Jorge  
Kilpp Galvão,  
Comandante do  
Corpo de Alunos.

## A Fragata

*Buscar outro modo de escrever-te  
é fugir de teu Espírito...  
Durante vinte e cinco anos foste  
redigida por jovens idealistas,  
que batalharam ansiosos em dotar-te  
de um brilho inédito, contemporâneo.  
Mas, cada página tua refletia os  
mesmos sonhos, anseios e ideais  
que turmas anteriores já haviam  
sustentado. Assim vais assumindo  
teu papel de diário de bordo dos  
Alunos que vivem o Colégio Naval.  
Nesta edição vens comemorar o  
Jubileu de Prata do Colégio. És patente  
não apenas de nossa época, mas trazes  
de volta todos aqueles que ajudaram a  
fortalecer as bases tradicionais e históricas  
deste Estabelecimento de Marinha.*

A REDAÇÃO

# O COLÉGIO NAVAL

CMG(RRm) Lauro Nogueira Furtado de Mendonça

Após o término da 2.<sup>a</sup> Grande Guerra, o recrutamento da Oficialidade para a nossa Armada sofreu grave crise, agravada pelo aumento das solicitações de transferências para a reserva, dos Oficiais que já haviam servido o número de anos mínimo exigido por lei.

A principal causa dessa circunstância foi, sem dúvida, o aparecimento de um vasto e bem remunerado mercado de trabalho, consequência do incremento da indústria brasileira, por efeito da política de substituição de importações, forçada pelo estancamento dessas, estancamento originado pela luta armada que então ensanguentou nosso pequeno mundo.

A Marinha não poderia deixar de adotar as medidas necessárias para corrigir tal situação.

Impunha-se, pois, a ampliação da faixa de jovens que pudesse substituir não só aqueles que deixavam a carreira, como aqueles que iam buscar o seu futuro em outras profissões.

A primeira dessas medidas foi a Instituição do fornecimento de uniformes e enxoval aos novos Aspirantes matriculados na Escola Naval, tornando exequível o acesso à carreira naval, aqueles cujas famílias, menos bem afortunadas pela fortuna, viam-se impossibilitadas de seguir a carreira marítima, pelos altos ônus iniciais representados por tais despesas.

Por outro lado, tornara-se necessário, à vista das modificações introduzidas no ensino brasileiro, após 1940, reduzindo-se-lhe o curso ginasial a quatro anos apenas, complementar a instrução básica dos novos candidatos.

Essa complementação, caso ministrada pela própria Marinha, teria ainda duas vantagens, quais sejam a de admitir na vida marítima em idade mais plausível, o novo candidato e a de instruí-lo na militância naval com anterioridade à sua Praça de Aspirante, dando maior homogeneidade ao núcleo da futura Oficialidade e compensando, dessa forma, a maior diversidade de suas origens sociais e, portanto, culturais.

É de ver que, assim agindo, resultaria uma consequência de extrema importância, a do maior entrosamento entre os Oficiais de Marinha e as diversas camadas sociais que compõem a sociedade brasileira, eliminando de vez a acusação de elitismo feita a essa força naval e manifestada até por colegas de outras armas, em seus escritos, esquecidos de que a Marinha de Guerra tem, para Patrono, o vulto de um marinheiro que percorreu todas as graduações da hierarquia, da gola de gageiro aos bordados de Almirante, além de ter, entre os seus heróis de primeiro plano, veneradamente cultuada, a figura de Marcílio Dias, o va-

lente mulato, artilheiro da "Parna-hyba".

A solução que logo se impôs foi o retorno à antiga Instituição que existira na segunda metade do século XIX, o Colégio Naval, criado em 1870, como Externato da Marinha, "segundo a idéia do Barão de Cotegipe", diz-nos Levy Scavarda, e que passara a funcionar como internato, em 1877, fundindo-se enfim à Escola de Marinha em 1886, para formar a Escola Naval.

Mas havia que instalá-lo e, a existência, nas proximidades de Angra dos Reis, ao fundo da Enseada Baptista das Neves, no local que fora conhecido como Taperá, de um belo prédio, de linhas sóbrias e severas, construído em 1911 por ordem do Exmo. Sr. Ministro da Marinha, Vice-Almirante Joaquim Marques Baptista de Leão, no qual estivera sediada, entre 1914 e 1922, a Escola Naval, parecia indicar, coercitivamente, o local a escolher.

Angra dos Reis, pacata cidadezinha, em local excepcionalmente belo, ao fundo da Ilha Grande, afastado do bulício das grandes cidades, dotado de excelentes planos de água, apropriados à prática dos exercícios náuticos e das patescarias marinheiras, afigurava-se, de fato, local inexcusável para a instalação do Colégio Naval.

Muito havia, porém, a ser organizado para o seu preparo e funcionamento eficientes.

Criado, afinal, a nova Instituição, foram os primeiros alunos matriculados no ano de 1951, iniciando seus estudos em Villegagnon, em regime de externato.

Urgia, então, transferi-los para Baptista das Neves, a fim de dar vida autônoma e firmar, em definitivo, o Colégio.

Caberia realizar essa transferência ao Capitão-de-Fragata Mario Costa Furtado de Mendonça, mais tarde Almirante, posto em que faleceu, recentemente, vítima de trágico acidente automobilístico.

O autor dessas linhas, na ocasião embarcado no N. Hi "Rio Branco", foi convidado para tomar parte nos trabalhos de instalação e aceitou, prazerosamente, a incumbência, mais como uma honra que lhe era conferida que como nova comissão a executar.

Assim foi que, no mês de julho do ano citado, chegou, com armas e bagagens, para instalar-se na casa 7 da Taperinha, como era conhecida a Vila dos Oficiais, ca-



Conferência do então CMG Mario Costa Furtado de Mendonça, Diretor do Colégio Naval, com o então CC Roberto Ferreira Teixeira de Freitas, Chefe do Dpto. Escolar (1951)

endo-lhe, assim, a oportunidade de estar entre aqueles que lá se aprestavam para receber o Corpo de Alunos, quando de sua chegada, no mês de agosto seguinte.

A instalação dos alunos, auxiliado o Comandante por um punhado de oficiais, processou-se em regime de trabalho intensivo e de disciplina rigorosa, amenizada, embora, pela bonomia do Imediato, Comandante Francisco Duque Guimarães.

Inúmeros problemas planteavam-se, para o bom sucesso de nosso trabalho, o qual coincidia com um remanejamento das funções administrativas, pela ascensão do Comte. Mendonça, até pouco antes Imediato, às funções de comando, deslocando-se, naturalmente, a escala hierárquica e funcional subjacente.

Aos esforços do Comte. e do Imediato, somavam-se os de uma plêiade de Oficiais, como o Superintendente do Ensino, Comte. Otavio José Sampaio Fernandes, hoje Almirante-de-Esquadra; o Chefe do Departamento Escolar, Comte. Roberto Ferreira Teixeira de Freitas, que também atingiu o Almirantado; seu Ajudante CT Alvaro Soares Rodrigues de Vascon-

cellos, circunspecto e rigoroso, bem como os oficiais em postos administrativos, CT José Francisco Pereira das Neves e CT Hélio Marroig de Mello.

Organizado o Batalhão Escolar em três Companhias, foram as mesmas subordinadas ao comando do 1.º Ten. Luiz Leal Ferreira, hoje Contra-Almirante, a 1.ª; do autor, a 2.ª; e do 1.º Ten. ( FN ) Antonio Carlos Peixoto Larangeira, a 3.ª, acumulando, todos os Oficiais, funções no Ensino, cabendo-me, em acréscimo, a Instrutoria de "Arte do Marinheiro".

O trabalho era árduo, havia que tudo prover e organizar, desde as salas de aula, à adequação das carteiras, da iluminação, dos beliches, das enfermarias e serviço de rancho, biblioteca, rotinas, instalação dos subalternos e da talha, horários de estudo, obtenção de verbas, material didático, transporte, ligações com o Rio, uniformes, lazer dos alunos, conferências e recebimento de todos os materiais, obras de pavimentação, padaria, cozinhinhas, abastecimento d'água, aulas, exames, instrução militar etc....

O Comandante a tudo atenia, com acentuado espírito de dedica-

ção, sem permitir a quebra das obrigações militares, no mínimo que fosse; assim, o Serviço de Estado era feito no regime máximo de "pau a quatro", como determinava a Ordenança Geral para o Serviço da Armada, a famosa "Inácia", e, muitas vezes, o autor fez serviços em regime de dois quartos.

Também o Corpo de Alunos tinha o seu quinhão de sacrifícios pois, muito do que se fazia tinha caráter experimental e havia que suportar as imperfeições, somadas à ausência das famílias.

Aos problemas materiais somavam-se os de relacionamento, muitas vezes sérios de consequências, como a observação dos professores e da qualidade do ensino; o expurgo de elementos indesejáveis, em todos os níveis; o contato com os familiares dos alunos, nem sempre compreensivos e naturalmente preocupados com o conforto de seus rebentos; o combate às quebras de disciplina, em especial ao "trote" e às saídas não autorizadas; a vigilância das horas de estudo e a devida atenção à sanidade física dos alunos, metas por vezes opostas.

O Comandante, pessoalmente, velava por tudo, indo do detalhe mínimo da fixação dos degraus para a ascensão dos alunos a seus beliches, ao acompanhamento pessoal das aulas e exames.

O autor é testemunha de que, os Oficiais de Quarto, muitas vezes, eram acordados pelo Comandante, telefonando de sua casa (ainda a antiga), à Sala de Estado, para que fosse verificada a razão de haver luzes acesas em tal ou qual alojamento; no mais das vezes tratava-se de alunos que "davam o golpe" para estudar à noite, nos alojamentos, a fim de suplementar as horas de estudo, o que não lhes era permitido, para que não se lhes debilitassem o físico, buscando-se o justo equilíbrio de "mens sana in corpore sano".

Circunstâncias alvissareira, logo transformada em grave crise, foi o recebimento dos uniformes, permitindo que o Corpo de Alunos ganhasse características próprias e desenvolvesse o "espírito de corps" tão necessário.

Mas, a desilusão veio à primeira lavagem das jaquetas mesclas, únicas prontas, as quais encolheram violentamente, deixando seus portadores de camisetas à mostra.

Não havendo possibilidade de rápida substituição das peças, optou-se pelo uso permanente de ja-

ponas, em serviço externo, licenciamentos ou desfiles, suportando o Corpo de Alunos, se não com satisfação, pelo menos com estoicismo, o uso dessas peças de aquecimento, mesmo em dias de sol canicular, até o recebimento dos novos uniformes.

As ligações com o Rio eram feitas por um velho rebocador, o GRUMETE, ex-CARIOCA, de precárias instalações, de que diz-nos o Almirante Guillobel, em suas memórias, ter "virado por da quilha", um irmão gêmeo. Revesavam em seu comando o Autor e o Ten. Leal Ferreira.

Numa dessas viagens, o Autor teve a honra de conduzir à Ilha Grande o representante do EMA, Comte. Levy de Paiva Meira, para bordo do Cruzador "Barroso", que então chegava da América, ornamentado o rebocador por imensa "árvore-de-natal", que conduzia para o Colégio Naval.

Procurava-se dar um sentido militar à instrução e ao comportamento dos alunos e, assim, nem mesmo na Taperinha era permitido o uso de traje civil, ainda mesmo aos Oficiais, para que servissem como exemplo.

Os Intendentes — Zaidir Viana do Amorim e, mais tarde, Ten. Demaria Boiteux e o pessoal do Corpo de Saúde — Doutores Mira-

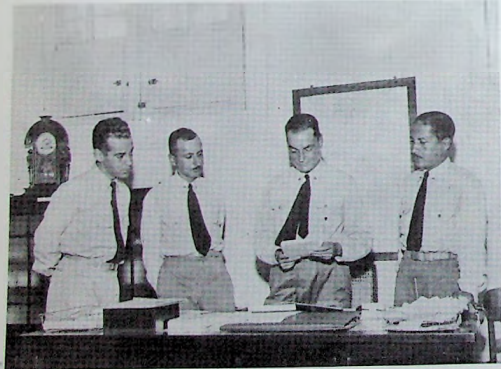


beau, hoje Almirante, exercendo suas atividades na área das Colônias de Pescadores; Tens. Pessoa (CT Honorário) e Dalmo, Ubá e Nazareth, dentistas, não poderiam deixar de ser citados, pelo inestimável papel que representaram.

No setor de ensino, naturalmente, fixavam-se, com prioridade, os cuidados do Comando, não só na sua qualidade, como na justiça com que fosse retribuído o esforço dos alunos.

O Autor mesmo foi protagonista de um fato em que se viu envolvido, bastante demonstrativo do espírito então reinante.

Presidindo a banca de determinada cadeira, foi procurado por um Aluno, que lhe afirmou ter sido ameaçado, por determinado Membro da Banca Examinadora, de que seria reprovado. Sem tomar compromisso, firmei-lhe que tal não se daria se demonstrasse o conheci-



Da esquerda para a direita, 1.º Ten. (FN) Antonio Carlos Pelxoto Laranjeira, 1.º Ten. Lauro Nogueira Furtado de Mendonça, CC Roberto Ferreira Teixeira de Freitas e CT Alvaro Soares Rodrigues Vasconcelos, oficiais do Depto. Escolar traçando normas para a formação de uma geração de oficiais. (1951).



Detalhe que ficou marcado para sempre na turma de 1951. As jaquetas encolheram, deixando as camisas à mostra.

mento devido. De fato, observei cuidadosamente as perguntas e respostas e, tendo verificado, em pessoa, a má vontade e animosidade do professor, que não lhe concedeu o grau mínimo, usei do direito de interrogá-lo e aprovei-o.

O professor representou ao Comando que, porém, houve por bem aprovar a minha alitude, sendo hoje o dito aluno Oficial Superior em nossa Armada.

Outra área difícil era o rancho, inicialmente feito em bandejas, e a cargo do Comte. Teixeira, o qual me passou, posteriormente, o cargo.

Consegui que se acabasse as filas de prato na mão, resultantes do sistema, fazendo que o serviço fosse feito com talheiros, distribuindo as refeições à mesa, forma que julgo mais educativa para futuros oficiais que vão representar a

Marinha em nossa sociedade, e o Brasil, no exterior.

Merece menção especial que os pratos eram selecionados e provados, pessoalmente, pelo Autor, não sendo raros até mesmo o pato assado com maçãs, o chocolate pela manhã e outros pratos refinados.

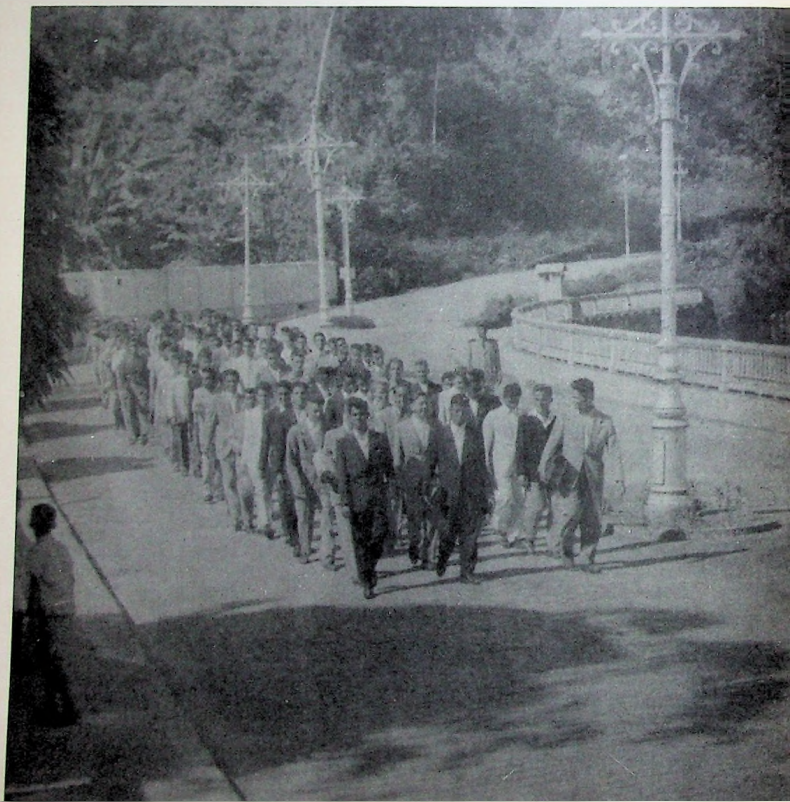
Não posso, infelizmente, continuar a discorrer sobre o tema, pois o espaço é exíguo, nem mesmo citar todos que o mereceriam, mas cumpre-me ainda recordar o esforço do Comandante Mendonça, quanto à ocupação das horas de lazer dos alunos, oferecendo-lhes, a miúdo, reuniões esportivas, dançantes, de conagração familiar, de integração com a população local, religiosas etc., compensando a permanência em Angra, de onde só eram autorizados a ausentar-se, uma vez por mês.

Realmente, as estórias da instalação do Colégio Naval devem ser objeto de trabalhos, com maior mérito talvez, que a contem, vista pelos prismas dos alunos, dos professores, de outros oficiais e, mesmo, dos subalternos, cujo sacrifício não foi dos menores; a "taifa", por exemplo, dormiu suas primeiras noites num galpão sem portas, apesar do frio hibernal, mas nem por isto deixou de colaborar eficaz e intensamente.

Que essas linhas sejam, pois, as predecessoras de outras que tragam aos atuais corpos docente, administrativo, discente e de comando, o que foi a saga da instalação desse órgão de ensino de nossa Marinha, base sobre a qual se assentaram tão solidamente as suas tradições, hoje florescentes, como o desejavam aqueles que nela tomaram parte.

# NOSTALGIA

*CF Domingos Pacifico Castelo Branco Ferreira*



A chegada dos novos alunos ao Colégio (1952)

Acabei de ler a carta do Diretor de A FRAGATA, Aluno Junger, solicitando-me "um artigo relacionado com a vida do Colégio, no seu tempo", para a edição especial comemorativa do Jubileu de Prata do Colégio Naval.

Apesar de estar preparado para o convite, pois o Diretor, CMG — Jelcias, já me havia honrado com um telefonema a esse respeito, senti um impacto ao ler as palavras gentis do missivista. Não que elas estabelecessem uma meta física difícil de ser atingida, pois afinal de contas a solicitação é "em torno de quatro páginas de papel ofício", mas sim pelo sentimento de tempo decorrido e que até então eu não havia percebido em toda a sua extensão.

O desenrolar da vida não havia permitido — quem sabe, subliminamente eu me recusava a isto — uma pausa e um lançar de olhos para lembranças de vinte e cinco anos atrás. A sensação é a mesma sentida ao abrir álbuns antigos de fotografias de família, quando começam a nos voltar lembranças esmaecidas pelo tempo. Acresça-se ainda a esse gosto de bolor, a dúvida se este ou aquele assunto possa interessar ao leitor. Afinal de contas são impressões pessoais distantes de um menino de quinze anos, colhidas no turbilhão da adolescência, ao se defrontar com um mundo inteiramente novo.

Creio que a principal condicionante de nosso querido Colégio Naval "daquele tempo" foi a inexistência de tradição. Tudo estava sendo feito pela primeira vez, e posso bem imaginar as dificuldades do Diretor, então Comandante Mario Costa Furtado de Mendonça, alma bondíssima, visto unanimemente pelos alunos como um segundo Pai, e cujo apelido de "Bom Velhinho", dado por nós, bem caracterizava o grau de afetividade dominante no seu relacionamento com os jovens, que éramos então.

Tudo era feito de uma forma até certo ponto improvisada, apesar de todos os esforços da Direção e dos demais oficiais e professores do Colégio. A começar pela incerteza de se o Colégio realmente funcionaria naquele ano de 1951, mesmo com os exames feitos e cerca de três centenas de aprovados. Lembrou-me que permaneci

curando o primeiro ano científico no Colégio Militar durante o mês de março, aguardando uma decisão se haveria ou não a abertura do ano letivo no Colégio Naval.

Como as instalações em Angra dos Reis não estavam preparadas para nós receber, "safou-se a onça" fazendo funcionar o Colégio nas salas de aula da Escola Naval, em regime de externato, no horário de uma às cinco e meia da tarde. Os que não tinham família no Rio — e eu estava neste caso — ficamos aquartelados na então "ala nova" da Escola Naval na qualidade de "projetos de calouros", privilégio a ser atingido dentro de três anos, período previsto para o curso no CN. Éramos, os internos, um grupo de garotos, à paisana, saltos na Escola Naval a maior parte do dia.

É fácil imaginar os trotes que levávamos, parecendo-nos a turma de quarto-anistas da EN, sete anos na nossa frente, algo tão distante no tempo que seguramente era inaltingível pelo nosso radiocínio vermos-nos algum dia nas funções de Chefe-de-Dia ou cursando Navegação Astronômica.

A pergunta mais constante entre nós naqueles dias atribulados era "quando", procurando saber a data de ida para Angra, sonho dourado de afirmação. Afinal de contas, na Escola Naval éramos um corpo estranho e os Aspirantes tudo faziam para que nos sentíssemos como tal. Após várias esperanças frustradas com datas marcadas, porém não cumpridas, o mês de agosto de 1951 trouxe a tão esperada viagem. A excitação era quase indescrevível quando embarcamos em uma manhã de sexta-feira, dia 10 de agosto de 1951, no CTE Beberibe e Baependi, 199 no primeiro e os restantes no segundo, de terno e gravata, maleta na mão e um coração cheio de expectativa. Foi o primeiro contato que tivemos com o mar, e não é preciso grande esforço de imaginação para concluir o que se passou. A viagem durou em torno de oito horas e o lugar mais confortável que uns poucos privilegiados conseguiram foi dentro das cestas de redes de salvamento. Os demais ficaram jogados pelos conveses mesmo, mareando a maioria, sem almoço, e sentindo pela primeira vez na vida a famosa trindade de cheiros que nos acompanharia pela carreira a fora: óleo, tinta e fritura.

Chegamos a Angra bastante desconfortados e formamos no cais do porto dando graças a Deus pelo término da travessia. A seguir, marchamos até o Colégio pela antiga estrada, não me lembro se carregando malas ou não, mas quase com certeza sim, pois a penúria de recursos era extrema e caminhada para transporte de bagagem seria luxo inadmissível.

Lembro-me, como se fosse hoje, da entrada pelo portão principal do Colégio, da formatura no pátio interno para receber instruções e da subida para os alojamentos, já de noite, a fim de vestirmos nossos primeiros uniformes. O prazo dado antes de locar reunir para o jantar foi curto para admirarmos o verdadeiro tesouro dentro de cada saco de lona sobre o beliche de cada um. Duas calças mescladas, duas jaquetas mescladas, dois pares de botinas, dois chapéus de marinheiro e, o que era mais importante, uma japona. Apesar do calor reinante, não houve uma exceção na formatura que se seguiu: descemos todos de japona, a qual, juntamente com chapéu, era a mais marinheira das peças que acabáramos de receber.

Quinze anos mais tarde, fui honrado com a função de Assistente do Alte. Esq. FURTADO DE MENDONÇA e ele me contou, entre outras histórias daquela época, que as famosas japonas eram originalmente destinadas ao pagamento trienal de uniformes para marinheiros. Ele as conseguiu à última hora, no então Depósito Naval, parte do lote recusado do fornecedor por apresentarem defeitos de confecção.

A vida prosseguiu e aos poucos fomos nos adaptando ao Colégio e ele a nós. A onipresença da natureza no bellissimo cenário da enseada Batista das Neves e da região da Ilha Grande passou a se constituir no maior suporte psicológico para a vida de seminário que levávamos. A analogia parece adequada, pois o seminarista encontra isto na oração e nós, apesar dos esforços do Frei Hugo e do nosso religioso Diretor, não estávamos muito ligados a rezar, porém sentíamos a presença marcante de Deus na espetaculosidade do cenário em que vivíamos.

Angra dos Reis, se hoje ainda apresenta sérias deficiências como ambiente adequado para os alunos, imagine-se há vinte e cin-



A Patescaria, uma das principais recreações da época (1952).

co anos atrás. As mocinhas da cidade, com certo nível social, eram disputadíssimas, pois a lei da oferta e da procura é implacável, mesmo nos aspectos sentimentais. O resultado era que nossas energias não consumidas nos estudos, derivavam para uma prática de esportes não muito organizada, para a sinuca, para o Beco dos Cachorros e, principalmente, para os longos passeios em escaler a pano pelos corredores da baía da ilha Grande.

Saiamos às cinco da manhã, quinze a vinte em cada escaler, e passávamos o dia inteiro de ilha em ilha, descobrindo o mundo, meio Pedros Alvares Cabrais. Como eram embarcações de manobra difícil e ruins para o contravento, freqüentemente remávamos para poder ganhar barlavento. As ilhas dos Porcos com o canal de águas transparentes — hoje refúgio de luxo para os operados pelo Dr. Pitanguy

— eram muito visitadas por nós, assim como a ilha da Gipóia, com sua belíssima praia de Fora. Geralmente havia discussão entre os tripulantes do barco porque alguns queriam parar em qualquer praia próxima para jogar futebol ou tomar banho de mar, enquanto outros, empolgados pelo sentimento de aventura, queríamos ir cada vez mais longe, se possível, explorar todas as ilhas, abraçar o mundo todo...

O vento sudoeste ou, às vezes, uma brisa de tarde mais fresca nos pegavam de surpresa com certa freqüência no meio de tais patescarias. Nessas ocasiões, nem mesmo a leitura de poesias de Omar Kahyan, em que o nosso falecido colega Irturil insistia durante grande parte dos passeios, era suficiente para acalmar os nervos inexperientes e tensos com os balanços maiores do escaler. Não raro, com receio de pegar as ondas pelo través, evitávamos aproar ao Colégio e íamos empopados até o por-

to de Angra dos Reis, para então arriar os panos e voltar remando, de noite, quando amainava o vento. Como devíamos dar dores de cabeça ao "Bom Velhinho"!

A influência do Colégio Militar foi grande nesses primeiros anos, pois há ainda hoje nas turmas de então um contingente razoável de ex-cadetes de Tomás Coeijo. Como é natural, surgiu logo a idéia de fundar um Grêmio à semelhança da famosa Sociedade Literária do CM, com estatutos, revistas, salões de jogos recreativos e sessões de debates. E assim foi feito, contando com a adesão de alguns, a indiferença da maioria e a rebarbação de uma eterna minoria "subversiva".

A primeira grande discussão que surgiu nas sessões do então Grêmio dos Alunos do Colégio Naval (hoje Sociedade Acadêmica Greenhalgh) foi sobre o nome a ser dado à sua revista. "A FRAGATA"

foi um dos que surgiu primeiro, juntamente com "A CORVETA", "A ESCUNA", "A PROCELÁRIA" e até um gozativo "O PELICANO". Foram debates intermináveis que acabaram dando em total desacordo. O resultado foi o nome inexpressivo de "REVISTA DO COLÉGIO NAVAL", que saiu assim no primeiro número e não sei até quando se manteve. De qualquer forma, valeu a intenção e a idéia frutificou, resultando na sofisticada "A FRAGATA" de hoje.

Outra reminiscência sempre boa de lembrar, eram os licenciamentos para Angra, de uniforme mescla e japona obrigatória. Como só viemos a receber os primeiros uniformes de licença ao sermos transferidos para a Escola Naval, nos primeiros meses de CN só usamos mesmo os mesclas recebidos na chegada. As camisas desses uniformes, para serem diferentes das usadas pelos Aspirantes, eram do tipo jaqueta, ficando por fora das calças, supostamente cobrindo o cinto. Ora, com o escolhimento das primeiras lavagens e com o crescimento verdadeiramente monumental que aquela vida saudável nos proporcionava, em poucas semanas todos os alunos apresentavam uma faixa branca na cintura, onde aparecia prosaicamente a camiseteta. A solução para o problema foi obrigá-los a baixar à terra sempre de japona, para encobrir a barriga branca de cada um, independente da temperatura.

Já os licenciamentos bimensais para o Rio eram à paisana, de terno, sempre a bordo de navios da esquadra, à exceção de uma memorável viagem do ex-NE "Guanaabara" em que até serviço de rancho nós demos. Vingamo-nos "fundando" boa parte da palamenta do rancho pelas vigias. Frequentemente havia atrasos e os regressos para Angra, aos domingos, se iniciavam com o embarque às oito da manhã e chegadas ao Colégio à noite, com um passadio à base de jacuba e sanduíche, muitas vezes enfrentando forte mar de proa que devastava nossas fileiras. Houve uma ocasião em que a viagem varou a noite, durante vinte e duas horas, devido à avaria de um dos navios. Assim mesmo, ao chegarmos ao Colégio, no manhã de segunda-feira, o programa de aulas foi cumprido.



O primeiro Grêmio do Colégio foi criado em 1951

Haveria ainda dezenas de fatos a lembrar como, por exemplo, a fuga em massa de convictos do presidio da Ilha Grande, ameaçando assaltar o Colégio para apanhar armamento. Ainda no terreno das fugas, valeria lembrar as escapadas noturnas para Angra e às vezes até para o Rio. Os mestres seriam um capítulo à parte: a personalidade do professor Pitta, a simpatia do professor Gilberto, as brincadeiras com o professor Diniz e com Mr. "Drops", o drama do professor Lima... O campeonato de bilhar, a ordem de "pode reformar" no rancho, a falta de cobertores e travesseiros, a comemoração do primeiro aniversário, com a arrasadora vitória sobre o Colégio Militar nas competições esportivas, etc... etc...

Enfim, seriam recordações e mais recordações, algumas perdidas no tempo, confusas, outras mais claras, mais marcantes, que ficaram para toda a vida e condicionaram o comportamento dos

alunos da época ao longo das suas carreiras. O sentimento de união que a vida dura dos primeiros anos do Colégio Naval proporcionaram as nossas turmas reflete-se até hoje nas atitudes dos seus integrantes. Da mesma forma frutificam os fundamentos de educação militar e de dedicação à Marinha recebidos através dos exemplos dos Oficiais e principalmente do nosso querido e austero Diretor.

Recentemente, voltei ao Colégio Naval na qualidade de Comandante do Submarino "Humaitá", a mais moderna unidade da nossa Esquadra. Fundeamos entre a Ilha Francisca e a Tapera, e em pouco tempo o navio se encheu de alunos curiosos por conhecer a Marinha de amanhã, que encontrarão em poucos anos, ao ganharem os galões dos oficiais. Fiz o caminho inverso; peguei a lancha e fui para terra rever o ambiente em que eu e meus colegas passamos uma das melhores épocas das nossas vidas.

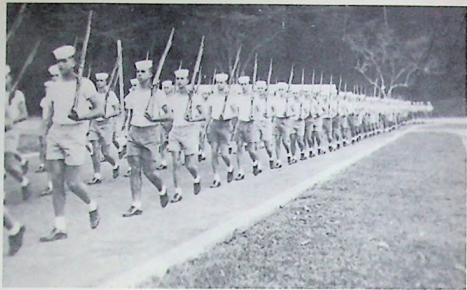
# O COLÉGIO DOS ANOS 60

Carlos Gentil Dias Vieira

Duas coisas sempre me chamaram a atenção no Colégio Naval: a mata e o mar. Fascínio exercido muito antes de conhecê-lo, através das fotografias, dos sonhos dos quinze anos, lá em Minas. E, depois, um respeito crescente pela topografia dominadora, de um verde carregado, e pelo mar tranquilo de Angra dos Reis, paraíso perdido e achado.

O Colégio Naval não é um ponto remoto no passado, para nós que o habitamos há quinze ou mais anos. Ele continua presente, na sua forma antiga, no cheiro, nas amizades, nas velhas fotografias de rostos jovens e ansiosos.

Minha primeira visão do Colégio, como tantos de nossa época foi pelo mar, vindo de Mangaratiba no Aviso, o coração aos



No exercício de ordem unida, a lembrança do Sargento Vasconcelos. "Uma homenagem distante".



"Ao lembrar o CN, vejo meninos... desassombrados, intrépidos, idealistas. Meninos-marinheiros".

pulos. Meu primeiro problema foi tirar o dinheiro do bolso para pagar parte do "enxoval", porque minha mãe pressurosamente costurara com linha dupla o bolsinho da calça, para evitar as surpresas da cidade grande.

O Colégio era aquele ponto amarelo perdido na mata, numa enseada tranquila. Angra dos Reis ainda não sonhava (e se sonhasse, mudava de lugar) com o turismo, com casas milionárias e com a Rio-Santos. Mas já tinha o velho "Palace", pousada quase que obrigatória das famílias, que corriam a visitar os filhos precocemente arancandos da vigilância materna. Havia algumas que até reservavam permanentemente acomodação, tantas vezes acorriam a Angra. Havia a "Alema" dos doces sensacionais, e o

"Teófilo" de avenidas suculentas, capazes de aplacar a saudade do bom prato que o rancho daquela época nos dava.

Outra coisa que me lembro bem, da chegada ao Colégio, era o olhar de curiosidade com que nos olhavam as famílias dos oficiais, nós que representávamos o motivo de todos ali viverem e trabalharem. Provavelmente se perguntavam quem seriam estes meninos, que tudo largavam, seus amigos, suas famílias, suas cidades, seus amores, e vinham parar neste ponto do litoral, cheios de vontade de abraçar uma carreira difícil.

Para nós, tudo era deslumbramento. Todos haviam passado por duro exame de seleção e alguns tentado vários anos. E aquele era o prêmio.

As salas de aula eram dominadas pelos famosos professores

do Colégio, cada um, a seu tempo, um tipo inesquecível nas páginas da Fragata.

Prof. Ovídio, o colarinho duro, a dizer planos ho-ri-zon-tais E a turma, olhos esbugalhados, cadernos enormes, a traçar misteriosas descritivas. O Prof. Pita, gigante a pedalar minúscula bicicleta, eternamente programando uma palestra no ginásio sobre foguetes, o que nos fazia pensar que, secretamente, se preparava em Angra uma ida pioneira à Lua. O Prof. Gilberto e sua tranquila geografia, serenamente transmitida, geograficamente brasileira a explorar recursos naturais e características regionais. O Prof. Renato e sua química misteriosa, seus problemas aterradorizantes, suas fórmulas enormes, e seu "caderno de coisas", que, secretamente, acumulava impressões e problemas para as provas. O Prof. Carlos Alberto Coelho, que a minha turma não teve o prazer de assistir a suas aulas, mas também químico e autor de livro de indecifráveis problemas. O Prof. Soares Filho, do inglês e das moças, que tanta mão nos deu na Fragata. O Prof. Serrão, do famoso livro de Algebra do vestibular, que quase nos matou de susto, em memorável e histórica noite, quando o surpreendemos arrastando um luzil pelo pátio interno, pronto para a guerra. Entre muitos, faço questão de render homenagem aqui, porque tendo várias vezes cruzado por ele na rua, muitos anos depois, não tive coragem de fazê-lo, ao prezado Prof. Diniz, Mestre de tantas turmas que passaram pelo Colégio Naval, e um tipo realmente inesquecível.

O Grêmio sempre foi o refúgio dos românticos. Ali funcionavam, basicamente, o bar (que Sidnei manobrava) e a biblioteca de poucos, lidos e relidos livros. Mas, principalmente, havia música. Até hoje, por estranha magia, retorno ao Grêmio do passado quando ouço Ray Coniff e sua orquestra. Do lado do Grêmio, espremida e úmida salinha, funcionava a redação da Fragata. Ali vivi a experiência notável de produzir uma revista, junto a uma equipe de três, dedicada e idealista: Colta, Leme Walther e Nantes. Ali, exploradores, guardamos, embrulha-



"Minha primeira visão do Colégio, como tantos de nossa época, foi pelo mar, vindo de Mangaratiba no Aviso"

dos em jornal, cachos de bananas, apanhados na surdina nos fundos do Colégio, e saboreados como se fossem a última comida do mundo.

Havia a biblioteca do Prof. Salomão e o bailêu. Um do lado do outro. Todos dois um convite à reflexão. Da biblioteca nasceu o conhecimento de todos os livros de Arsène Lupin e A. J. Cronin. A mim sempre pareceu que a biblioteca estava em permanente arrumação. Espero que tenha terminado.

Nunca consegui decifrar a estranha rotina de um senhor, conhecido como "Bom dia, Bandeira"; Era o secretário do Colégio, que religiosamente, pela manhã e à tarde, cumprimentava solenemente a bandeira hasteada no mastro. Nunca soube seu nome, e ele ficou definitivamente gravado na memória como "Bom dia, Bandeira".

Um personagem de quinze anos atrás que pouca gente recordaria, talvez pelo seu jeito simples, talvez porque não lhe marcasse mesmo, e que eu não esqueço é o Sargento Vasconcelos. Primeiro sargento fuzileiro e infante, rígido, metódico, inabalável, capaz de resistir às mais provocativas manifestações dos alunos em exercício de ordem unida, indiferente às lamúrias, sem dizer uma palavra mais forte de reprovação, soldado na acepção da palavra. Minha homenagem distante.

Gostaria de poder me lembrar de todas as pessoas, da Cantina, do Paiol do Mestre, da Enfermaria, da Capela. Ah! Pausa para lembrar Frei Hugo. Esta figura admirável de pessoa humana, simples, que tantas vezes distribuiu suas bênçãos e seu riso franco, e de quem nos lembramos com tanta alegria. Gostaria de poder lembrar de todos os nomes, pessoas simples, marinheiros, barbeiros, cozinheiros, que ajudaram um monte de alunos na sua caminhada rumo ao futuro, mas infelizmente não posso e se pudesse cansaria aos leitores, talvez sem entender bem as coisas. Mas o que quero dizer, meus amigos, nesta retomada do Colégio Naval dos anos sessenta, é que as pessoas continuam a ser o mais importante. Não importa a época, os costumes, o lugar. Gente é que faz História. Gente é que dá vida aos casarões sombrios como o Colégio Naval. Gente como a gente.

Ao lembrar o CN vejo meninos de quatorze, quinze e dezesseis anos. Desassombrados, intrépidos, idealistas. Mas meninos. Que sofrem, que sentem, que amam. Meninos-marinheiros. Me vejo e sinto saudade. Olho meu filho e vejo a distância no tempo e no espaço que nos separam. Outra época, outros meninos. Só o Colégio, velho, amarelado e perdido na mata é o mesmo.

# O COLÉGIO NAVAL A

Algumas coisas nos enlevam profundamente, reportando-nos a horas alegres, momentos bons que não voltam nunca mais. Uma dessas coisas é lembrar os anos de CN.

Há algum tempo voltei ao Colégio. A intenção era meramente visitar mas, quando tomei consciência, revivia os instantes lá passados.

Vi-me na turma doze, na aula do Gilberto, ouvindo interessantes histórias e geografias atuais; lembrei-me do bom Armando, com seu jeito simples e calmo, sabendo tornar aquelas aulas de Geometria mais simpáticas só com sua maneira toda especial de inquirir dúbidas: "... novas?... velhas?...". Ah, o Galloway e seus tubarões, navios e fitoplânctons, na miscigenação da fantasia com a realidade de uma aula de Inglês... o querido amigo Souto e sua Física, nosso paraninfo...

Estava no Jurity, parque esplêndido que, com sua beleza e paz, tornava as horas de finais-de-semana mais belas e mais cheias. Os estudos nos bancos faziam-nos flutuar e pousar num outro mundo, de enlevo, que o voo pelos telhados quase seculares daquele prédio amarelo levava-nos a pensar em anos vindouros e matava, de certa forma, a saudade que fatalmente se nos acercava.

Aquele clima gostoso, as primaveras e os verões cheios de cor e luz, florindo as árvores e carregando as mangueiras que nos davam tanta água na boca... O azul magnífico do mar transparente na ponte em dias de prova final...

Os grupos, inicialmente quase que individuais, ganhavam corpo e se fortaleciam com o tempo. As amizades ali formadas perduram até hoje, pela sua pureza de sentimento e pelos laços que a formaram, calcados na necessidade de se ter gente que acaientasse junto de nós.

A parte prática que, para alguns significava mera obrigação, tornava-se motivo de alegria e diversão junto à pseudodureza do engraçado Messias, que nada mais era que uma forma de disfarçar o seu carinho pela gente.

A piscina, a pista, a barra, os mínimos. A tensão reinante nos instantes que precediam a hora crucial. O medo do insucesso, o sabor da vitória, a união.

As angústias e os mistérios das noites de véspera de prova, onde cada um tornava o seu livro e o seu caderno a própria Bíblia e nela mergulhava.

O nanquim do mestre Ovidio... Os temores e os desesperos ao se pingar uma gota de tinta por sobre o papel vegetal. O desprendimento terreno (Desenho era como uma divindade: respeitado cegamente) ao se iniciar um croqui de nanquim. O tira-linhas imperfeito era como o demônio a induzir ao erro os discípulos do bem... e a giiete raspava e a borracha encobria os sinais daquele fraquejo.

Os ensinamentos pareciam difíceis de se compreender e aceitar. Tudo era difícil, contudo, pouco a pouco, as coisas se clareavam e, hoje, são lembradas com graça. Angra. O "aéreo" como válvula de escape.

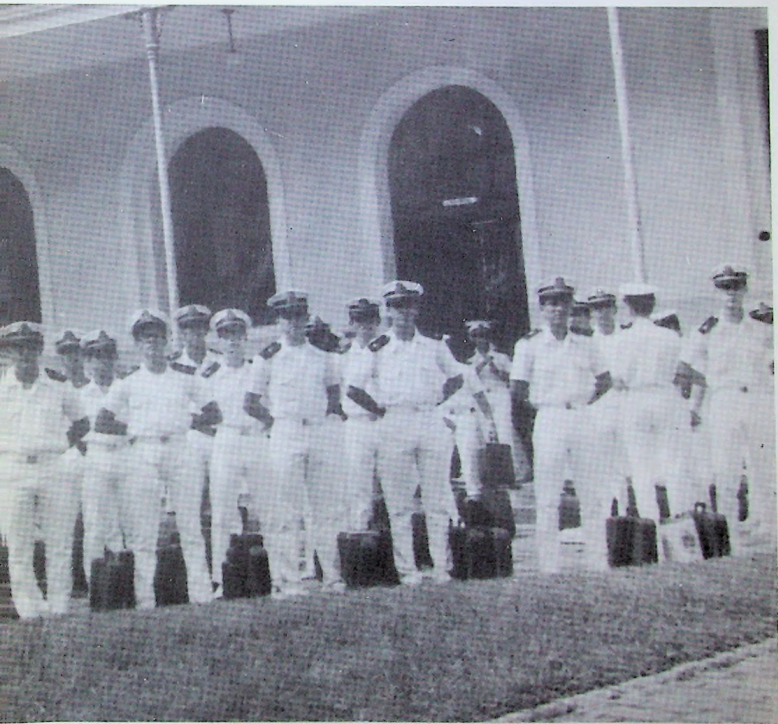
As ordens-unidas, os desfiles, as paradas, as anotações, as audiências, o ComCA, o impedimento que dilacerava corações e matava ilusões. Tristeza.



A alegria da volta para casa

# OS VINTE E UM ANOS

*Asp. Francisco Roberto Portella Deiana*



O nosso saudoso Gingilim, licenciamento. Cada vez que nos reuníamos para montar um Gingilim (às vésperas do dia marcado para sair, geralmente com prova no dia seguinte), era uma batalha travada contra o tempo e contra as idéias para que não nos tolessem.

Horas depois estava ele ali, pronto, e a gente estava unhas para que a foice da censura não ceifasse mãos e pés do nosso querido filho. E ele chegava — sem uma unha, com um pé quebrado, mas cheio de força e honra, cabeça erguida: haviam-nos compreendido. Impressão, grampos, licenciamento, banda tocando, especiais (ah, especiais!...) e lá estava mais um Ginja sendo folheado na festiva e maravilhosa viagem para o Rio.

Bailes, noites de encontro, as namoradinhas, as ilusões que se dissolviam quando o ônibus fazia a curva, lá embaixo...

O Quiricomba, o grito de guerra — ainda existe Quiricomba? Em seus versos tirados do acaso soltavamos toda a nossa vontade de vencer e transmitíamos àqueles que estavam naquela quadra (auditório — cinema — capela), o ânimo para lançar mais um tento no placar. As torcidas, as vitórias, as perdas.

Domingo após o almoço nossos corações se apertavam e eram mínimos às seis horas: era hora de voltar, levando conosco imagens de boas horas vividas em atropelo para que se esticassem. Era uma viagem tumultuada e cheia de histórias e aventuras fantásticas.

No início, muita conversa, porém depois tudo se calava e desaparecia na escuridão da estrada. As quatro horas e tanto eram eternas... mas chegávamos.

Na segunda-feira lá iam nós para as aulas, rancho, e tudo recommençava. Ganhávamos vida novamente e lá ficávamos ansiando novo fim-de-semana. Em cima disso trabalhávamos — e como nos dava forças para lutar!... cada vez mais, para que a vitória chegasse logo, derrota, infelizmente, para alguns. O sonho com o espadim. A Escola.

As hidráulicas de final-de-ano extravassando a euforia por mais um degrau alcançado...

E tudo aquilo passou e acabou e eu abri os olhos novamente. O homem brotando do menino, as idéias amadurecendo. Saudade.



Capas das edições 1 e 3 do GINGILIM-1973

# HOMENAGEM

Com este número especial de A FRAGATA, são homenageados todos aqueles que ao longo destes 25 anos, torjaram com denodo e brilho a expressiva trajetória deste Colégio Naval. É o reconhecimento de Oficiais, Professores, Alunos, Praças e Funcionários que hoje guardam esta Enseada Batista das Neves, a tantos outros que contribuíram para que este Jubileu de Prata seja comemorado com justo orgulho e muito sentimento.

Bastante jovem nos seus 25 anos, o Colégio Naval já pode, contudo, acompanhar o magnífico registro alcançado por seus ex-Alunos, desde março de 1952, quando transferiu sua primeira turma para a Escola Naval.

Nas 20 turmas de GM formadas em Escola Naval, desde 1954 (FN e IM) e 1955 (CA)

ex-Alunos deste Colégio Naval, além de conquistarem os dois únicos Prêmios Greenhagh desde então concedidos, obtiveram colocações que permitiu o vidente quadro abaixo, apresentado com orgulho plenamente justificável:

GM	COLOCAÇÕES		
	PRIMEIRAS	SEGUNDAS	TERCEIRAS
CA	16	3	1
FN	11	6	2
IM	11	7	2

Que Deus ilumine a geração atual de Oficiais, Professores, Alunos, Funcionários e Praças no exemplo de tão expressivos resultados.

## OS DIRETORES DO CN

CMG Alberto Jorge Carvalho	30.01.1951	a 04.05.51
CMG Mario Costa Furlado de Mendonça		a 24.04.53
CF Mauro Balloussier		a 18.05.53
CMG Arnoldo Toscano		a 29.12.54
CMG Fernando Carlos de Matos		a 18.02.56
CF Aprígio Brandão de Carvalho		a 06.03.56
CMG Zilmar Campos de Araripe Macedo		a 13.02.57
CMG Jurandir da Costa Muller de Campos		a 20.02.59
CMG Aldo Pessoa Rebelo		a 04.03.61
CF José Júlio de Souza Gomes Galvão		a 16.05.61
CMG Mário Geraldo Ferreira Braga		a 10.10.62
CF Paulo Pedro Pragana		a 28.11.62
CMG Arnaldo de Negreiros Jannuzzi		a 09.01.64
CMG Hélio Marrojo de Mello		a 30.06.65
CMG Alfonso José Perelira		a 30.09.66
CMG Nei Parente da Costa		a 08.03.68
CMG José Calvente Arande		a 17.07.69
CMG Paulo Freire		a 26.03.71
CF Milton Marciano		a 13.04.71
CMG Marcy Aroldo Gomes de Brito		a 02.02.73
CMG Hugo Stoffel		a 30.04.74
CF Carlos Augusto da Silva Figueira		a 30.08.74
CMG Milton Ribeiro de Carvalho		a 01.07.75

O atual diretor é o CMG Jalcias Baptista da Silva Castro

## OS COMANDANTES DO CORPO DE ALUNOS

CC Octávio José Sampalo Fernandes	de 28.03.51
	a 12.06.51
CC Roberto Ferreira Teixeira de Freitas	a 25.08.51
CC Alvaro Soares Rodrigues de Vasconcelos	a 21.12.53
CC Paulo Irineu Roxo Freitas	a 24.02.55
CC Osmar Dominguez Alonso	a 04.09.56
CC Gabriel Skinner Filho	a 13.12.56
CC Helio Lapa Maranhão	a 15.02.60
CC Francisco José de Araújo Passos	a 20.12.62
CC Paulo Abílio Bagaeta Pinto Bandeira	a 17.06.63
CC Bernard David Blower	a 05.02.65
CC Francisco Fernandes Quadra	a 03.03.66
CC Sérgio Alves Lima	a 03.07.67
CC Roberto Nogueira Machado	a 30.04.68
CC Otton Nascimento Wangler	a 11.07.69
CC Benito Ribamar Andrade Machado	a 01.10.69
CC Milton Marciano	a 24.02.71
CT Mário Antonio Monteiro (interino)	a 04.05.71
CC Carlos Augusto da Silva Figueira	a 30.10.73
CT Francisco Antunes de Azeredo Coulinho (interino)	a 19.12.73
CT Aloisio Ghilgino (interino)	a 30.01.74
CC Edison Pinho	a 18.03.75
CC Renato Jorge Klipp Galvão	a 03.04.75
CC Fernando Augusto da Rocha Fernandes (interino)	a 17.10.75

O atual ComCA é o CC Renato Jorge Klipp Galvão

## OS COMANDANTES-ALUNOS DO COLEGIO NAVAL

1951	— Antonio Anibal Leão Mello
1952	— Mauro Cesar Rodrigues Pereira
1953	— Sérgio Tasso Vasquez de Aquino
1954	— José Humberto de Farias
1955	— João Carlos Guarará Cruz Santos
1956	— Octavio Guimarães Giltirana
1957	— Renato de Matos Amora
1958	— Carlos Peres Quevedo
1959	— Renato Vilhena de Araújo
1960	— Luiz Ronaldo Gapski
1961	— Adilson Rodrigues da Silva
1962	— Paulo de Souza Braga
1963	— Ednildo Gomes de Soares
1964	— Ernane Calado de Souza
1965	— Roberto Fernando Chedid
1966	— Ricardo de Moraes
1967	— Newton Silva e Melo
1968	— Armando Marcio Barros Cardoso
1969	— Francisco Haranaka
1970	— Márcio Andrade Weber
1971	— Nelson Alves da Silva Filho
1972	— Ney Macedo de Souza
1973	— Abdcn Baptista de Paula Filho
1974	— Mauro Piccolotto Dottori
1975	— Paulo de Souza Cavalcanti
1976	— José Kimio Ando

## ALUNOS QUE CONCLUÍRAM O CURSO DO COLEGIO NAVAL EM PRIMEIRO LUGAR

1951	— Maurício Alves dos Santos
1952	— Mauro Cesar Rodrigues Pereira
1953	— Sérgio Tasso Vasquez de Aquino
1954	— José Humberto de Farias
1955	— João Carlos Guarará Cruz Santos
1956	— Octavio Guimarães Giltirana
1957	— Walter de Brito Meyer
1958	— Carlos Peres Quevedo
1959	— Renato Vilhena de Araújo
1960	— Luiz Ronaldo Gapski
1961	— Adilson Rodrigues da Silva
1962	— Hiram Fernandes
1963	— Ednildo Gomes de Soares
1964	— Rogerio Tadeu da Silva
1965	— Roberto Fernando Chedid
1966	— José Eduardo Viana Marinho
1967	— Eduardo Antonio Jesuino dos Santos
1968	— Armando Marcio Barros Cardoso
1969	— Euliquio Torres Calazans Júnior
1970	— Carlos Alexandre Orsoco Coelho Lobo
1971	— Haroldo Palo Júnior
1972	— Mauro Francinelo Barbosa
1973	— Abdcn Baptista de Paula Filho
1974	— Mauro Piccolotto Dottori
1975	— Márcio Jansen Cavalcanti

## Alunos que alcançaram o Prêmio "HONRA AO MÉRITO EXCEPCIONAL".

1959	— Renato Vilhena de Araújo
1963	— Vitoriano Ruas de Barros Santos
1975	— Márcio Jansen Cavalcanti

# O CORPO DOCENTE E O ENSINO NA HISTÓRIA DO COLÉGIO NAVAL

*Prof. José Edison Pereira*

Para atingir plenamente sua meta, precisava a Escola Naval receber candidatos com preparo e aptidões especiais, dotados de ótimos atributos físicos, intelectuais e morais, e já familiarizados com a vida militar-naval. O Curso Prévio, que recebia os jovens

egressos do curso ginásial para completar sua formação e cabedal de conhecimentos, antes de sua matrícula no 1.º ano da Escola Naval, não atingia plenamente o objetivo desejado. Começou então a tomar vulto uma idéia antiga de se criar o Colégio Naval, idéia que

se concretizou quando Ministro da Marinha o Alte. Sylvio de Noronha.

Pelo Aviso n.º 1.360, de 30/6/50, criou Sua Excelência a Comissão encarregada de organizar o Regimento e o Currículo do novo Estabelecimento de ensino, que se instalara em Angra dos Reis. Foi Presidente da Comissão o Capitão-de-Mar-e-Guerra Alberto Jorge Carvalho, posteriormente nomeado Comandante do Colégio Naval.

Caberia ao C.N. ministrar um ensino de primeira, em nível colégial, que habilitasse os alunos a enfrentar com êxito o Curso da Escola Naval, a par de esmerada formação civico-militar, indispensável ao futuro oficial da Marinha de Guerra.

Criado o C.N., tomadas as medidas para adequar as instalações da antiga Escola de Aprendizes "Alte. Batista das Neves" às suas novas finalidades, restava selecionar o primeiro contingente de alunos e professores.

O primeiro Corpo Docente foi escolhido através de prova pública, realizada no Rio de Janeiro no final do ano de 1950. Inúmeros candidatos se inscreveram, atraídos pelo ordenado e uma série de vantagens, que naquela época davam ao professor do C.N. uma condição superior à que encontravam em outros colégios. Desses candidatos foram admitidos doze, sendo aproveitado o primeiro classificado em cada disciplina, e logo depois, para atender ao maior número de aulas de Português e Matemática, os segundos colocados nestas duas matérias foram aceitos na qualidade de contratados.

Assim ficou constituído, em janeiro de 1951, o Corpo Docente do Colégio Naval.

- 1 — José França Santos (Português)
- 2 — Antonio José Novaes Jordão (Português)
- 3 — José Edison Pereira (Francês)
- 4 — José Oscar Lopes (Inglês)
- 5 — Dinamérico Pereira Pombo (Espanhol)



Estes fizeram parte do primeiro Corpo Docente (1951).



Sessão solene de abertura da primeira aula inaugural, em 15/8/1951.

- 6 — Manoel Jairo Bezerra (Matemática)
- 7 — Luiz Pereira Lima (Matemática)
- 8 — Renato Garcia de Freitas (Química)
- 9 — Helio da Rocha Pita (Física)
- 10 — Henrique de Oliveira Diniz (Desenho)
- 11 — Horácio Peres Sampaio de Mattos (H. Natural)
- 12 — Gilberto Alves da Silva (Geografia)
- 13 — Raimundo Abelardo de Araújo (História)
- 14 — João de Oliveira e Silva (Filosofia).

O Departamento de Ensino da Marinha, com o intuito de dotar o CN de professores selecionados, conhecendo todos os novos métodos pedagógicos, organizou, após a Prova de Seleção, um curso intensivo de Técnica de Ensino, para os componentes do primeiro Corpo Docente.

O Currículo inicial foi organizado nos moldes do Curso Científico daquela época, com as 12 disciplinas tradicionais, acrescidas de matérias de formação militar-naval. Deveria o curso completar-se em três anos. Como os candidatos aprovados para a terceira série foram pouquíssimos, resolveu-se deixá-los no Curso Pré-

vio, ficando o CN com a 1.ª e a 2.ª séries apenas, e já em 1952 novo regulamento condensava o curso em dois anos, com exclusão da História Natural e da Filosofia.

O atraso das obras de adaptação da "Batista das Neves" não permitiu a ocupação imediata das instalações destinadas ao CN, sendo as aulas iniciadas na Escola Naval, que cedia suas salas na parte da tarde. Tal situação perdurou todo o primeiro semestre, com os alunos em regime de externato, o que prejudicou bastante o planejamento. Mas a 15 de agosto de 1951, alunos, oficiais e a maioria dos professores se instalavam em Angra dos Reis, na sede definitiva do Colégio.

De 1951 até hoje tem sido uma constante o esforço para se chegar o mais perto possível do ideal em matéria de ensino e de formação. A cada ano se corrigem falhas, se preenchem lacunas. O equipamento didático tem se enriquecido constantemente e se ampliam e completam as instalações. O CN dispõe hoje de ótimos acessórios de ensino, quadras, piscina, gymnasium, laboratórios de Ciências e de Línguas.

Uma organização das melhores, a cargo do Departamento de Ensi-


no Colégio, permite o cumprimento fiel dos programas e o alcance dos objetivos fixados. E não se descarta uma formação integral, a cargo dos professores e oficiais do Departamento de Alunos, todos se esforçando por fazer o melhor.

Com o passar dos anos, o Currículo tem sofrido transformações, objetivando adequá-lo sempre às necessidades do Curso e da carreira naval. Ampliou-se o ensino militar-naval. A Matemática desdobrou-se em algumas cadeiras autônomas. Retirou-se o Francês, para permitir dar mais carga horária para matérias básicas do curso.

Este ano se concretizou um projeto antigo do curso em três anos, o que permitirá sem dúvida melhores resultados, pois haverá o tempo suficiente para o ensino e a fixação de todos os assuntos que integram o atual currículo.

O Corpo Docente aumentou para atender às necessidades do ensino. Por falta de professores em Angra dos Reis, o CN vai buscá-los principalmente no Rio de Janeiro. Vez por outra surgem problemas para substituir professores que deixam o Colégio. Não há casas do Colégio em número suficiente, e muitos não querem se radicar aqui, por terem outros compromissos em colégios particulares ou do Estado. Com a construção da Rio-Santos talvez desapareça o problema, pois tornou a viagem bem mais rápida e confortável.

No momento o Corpo Docente do C.N. é formado por oito professores efetivos e vinte contratados. Do primeiro grupo, apenas os Professores José Edison Pereira, Antonio José Novaes Jordão e Gilberto Alves da Silva, ainda estão em atividade no Colégio. Mais de cinco dezenas de mestres por aqui passaram e daqui se foram, no decorrer destes anos. Nos que aqui se encontram hoje, existe acesa a mesma chama de idealismo que caracterizou os pioneiros. Hoje, como ontem, trabalhamos todos com os olhos voltados para o futuro da Pátria, futuro que ajudamos a tornar cada vez mais glorioso, enriquecendo a mente e forjando o caráter dos jovens alunos do Colégio Naval.



**Continuamos  
descobrimo petrleo,  
mas temos um pedido  
a lhe fazer:**

*Economize  
gasolina*

**combata o desperdício**

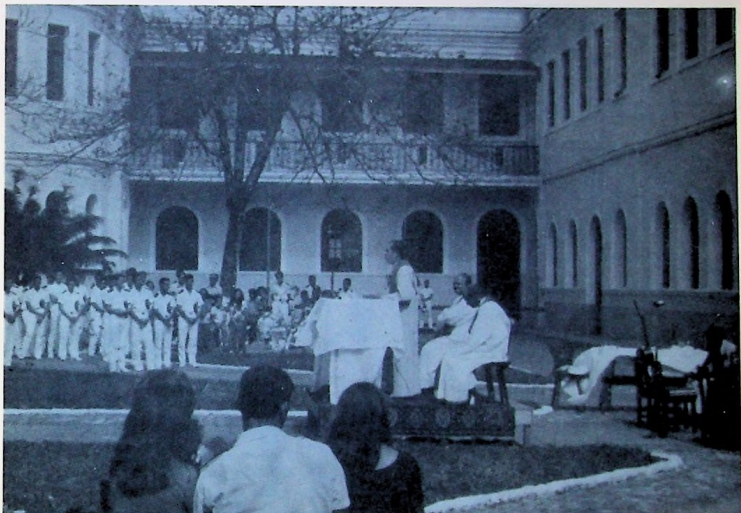


**PETROBRAS**

# O COLÉGIO NAVAL HOJE

Al. Sérgio Merolla Junger

Al. Antonio R. Pontes Lima Jr.



A Missa, mais um motivo de união entre os Alunos.

O jovem quando deseja ingressar no Colégio Naval vem, geralmente, imbuído de dois interesses: cursar um ensino de alto nível e, ao mesmo tempo, cumprir seus deveres para com a Pátria. Aqui assume um novo compromisso em sua vida, torna-se mais responsável, aprende a cumprir um padrão de disciplina, cultura e cavalheirismo, este último indispensável na formação do oficial. No Colégio Naval terá oportunidade de aprimorar grandemente suas qualidades, fortalecendo seu caráter, passando a pertencer a uma reconhecida classe de elite.

A Marinha é uma grande e unida família, onde todos os membros têm a finalidade precípua de servir à Pátria, em coesa união. Espontaneamente o aluno desenvolve seu espírito de cooperação no convívio com outros jovens de várias regiões do país. Assim, sem dúvida, há conseqüente complementação de conhecimentos, adquiridos uns aos outros, dentro do relacionamento habitual, e então aí surge a união das forças em torno de um interesse. E o Colégio Naval, com sua formação modelar, a cada dia renova o seu lema:

"CLASSIS SPES" — Esperança da Armada, cumprindo com exatidão a sua finalidade principal de preparar os futuros aspirantes da Escola Naval — o último patim até o recebimento da espada.

O prédio principal do Colégio teve sua construção iniciada em 1911. Até hoje, decorridos 65 anos, vários outros prédios complementares foram construídos. Alguns em suas linhas mais modernas, como o Ginásio e os prédios do DEC e DA, fazem nítido contraste com as linhas da antiga estrutura. Essa diferença representa significativamente o pro-

gresso contínuo pelo qual o CN sempre passou. Houve tendência natural para um aumento do Corpo de Alunos, então novas acomodações foram feitas, obras retomadas. A melhor ligação de Angra dos Reis com o Rio de Janeiro pela Rio-Santos concluída, facilita as condições de trabalho. Vários fatos somados ao desejo da Direção do Colégio de modificar o curso levaram à concretização de uma mudança: O Curso básico do Colégio passaria a ser feito em três anos, como se faz nas outras escolas militares de mesmo grau.

Mas isso sem diminuir o alto nível do ensino aqui ministrado.

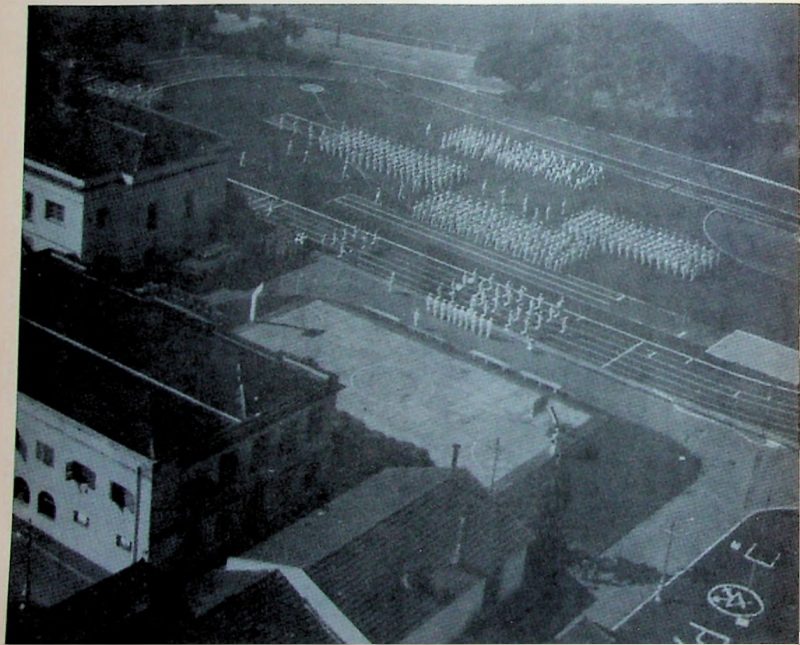
Muito pelo contrário, procurando incrementar o padrão seletivo que o curso de dois anos impunha aos que iam para a Escola Naval. Assim foi que em 04/07/1975 o Exmo. Sr. Ministro da Marinha autorizou a modificação.

#### O ATUAL CURSO

Os recursos de ensino do Colégio cobrem todas as necessidades dos alunos, mesmo assim há uma constante pesquisa que visa suprir as que surgirem. Constam esses recursos de: laboratório audiovisual de línguas, moderno laboratório físico-químico, apostilas,

projeções de slides, transparências e palestras. O Corpo Docente é altamente especializado, dentro das exigências do currículo. A Biblioteca é muito bem dotada e encontra-se em constante renovação de volumes. As provas são feitas no sentido de obter uma visão ampla do aproveitamento individual e coletivo.

As disciplinas que constituem o currículo estão agrupadas nas seguintes categorias: I — Ensino Colegial; II — Ensino Militar-Naval. O Ensino Colegial tem por finalidade ministrar os conhecimentos básicos e fundamentais de nível colegial e abrange as seguintes disciplinas:



460 Alunos, 36 Oficiais e 200 Praças.

- 1.º ANO : Álgebra, Física, Geometria, Química, Português, Inglês, História e Geografia.
- 2.º ANO : Álgebra, Trigonometria, Física, Química, Português, Inglês, Geografia e Biologia.
- 3.º ANO : Álgebra, Álgebra Linear, Física, Química, Português, Inglês, História e Desenho.



Disputa de uma partida de futebol pelo Troféu Eficência — competição oficial do Corpo de Alunos

O Ensino Militar Naval tem por propósito ministrar ao aluno noções sumárias de assuntos de natureza Militar-Naval, indispensáveis a um futuro aspirante da Escola Naval e que lhe permitem obter o certificado de reservista naval de 2.ª categoria, a par de lhe desenvolver a robustez, a resistência física, agilidade, o garbo, compostura e atitudes militares pela prática de exercícios e atividades esportivas. O Ensino Militar-Naval abrange as seguintes disciplinas:

- 1.º ANO : Regulamentos e Deveres Militares, Armas Portáteis e Tiro, Higiene e Primeiros Socorros, Moral e Cívica, Educação Física, Ordem Unida e Manobra de Embarcações.
- 2.º ANO : Navegação e Sinalização Náutica, Moral e Cívica, Arte Naval, Educação Física, Ordem Unida e Manobra de Embarcações.
- 3.º ANO : Comunicações, Ordem Unida, Educação Física e Manobra de Embarcações.

Integrando o Ensino Militar-Naval estão as atividades esportivas. O treinamento físico consta basicamente de ginástica, natação e corrida. Em cada uma dessas atividades, o Aluno deverá atingir um resultado mínimo. A prática de desportos, atividade sadia que visa desenvolver nos Alunos a audácia, a vontade de vencer e o espírito de equipe se reflete através de inúmeras competições desportivas, cuja principal é a que se realiza anualmente entre as Escolas Preparatórias —, a NAE. As principais equipes do Colégio são: Natação, Atletismo, Judô, Tiro, Futebol, Basquetebol e Voleibol. Todos os atletas esforçando-se para melhorar suas marcas, estabelecer novos recordes.

Além da NAE destaca-se o Troféu Eficência, competição interna oficial do Corpo de Alunos. Para a conquista deste Troféu são disputadas em caráter de campeonatos as seguintes modalidades de Esportes: Campeonato de Novos, Cabo de Guerra, Atletismo, Natação, Judô, Voleibol, Basquetebol, Futebol, Remo, Vela, Rústica Natatória, Rústica Terrestre e Tiro. Constam ainda no Calendário Esportivo várias competições externas com a Escola Naval, Companhia Siderúrgica Nacional, Colégio Militar, Escola de Marinha Mercante e Clubes diversos.

Incentivando o esforço dos Alunos nas diversas partes do currículo, o Colégio Naval e outras entidades conferem prêmios aos Alunos que se destacam por seus méritos e aproveitamento. São os seguintes os prêmios:

I) Prêmio Honra ao Mérito Excepcional; II) Prêmio Colégio Naval; III) Prêmio Almirante Saldanha; IV) Prêmio Olímpico; V) Prêmio Descartes; VI) Prêmio Machado de Assis; VII) Prêmio Rui Barbosa; VIII) Prêmio Dalton; IX) Prêmio Barão do Rio Branco; X) Prêmio Honra ao Mérito Escolar; XI) Prêmio Almirante Octávio Antônio Garnier; XII) Prêmio Historiador Honório Lima.

Vivemos aqui no Colégio integrados num regime rotineiro. Regime que existe muita dedicação por parte do Aluno, para que não o deixe desanimado a seguir o seu objetivo. Todos os dias acordamos às seis horas, assistimos cinco aulas, ranchamos quatro vezes. Temos de lembrar bem de todas as atividades programadas, ficar atentos ao Plano de Dia. Aqui encontramos de tudo: Barbearia, Padaria, Cantina, Cinema, Sapataria, Enfermaria, Lavandaria, Farmácia, Capela, Cabine Telefônica, como numa cidade. A Sociedade Acadêmica Greenhalgh, presidida por Alunos, é responsável pelas atividades extra-curriculares e diversão do Corpo de Alunos. Ela está dividida em vários Grêmios: Vela, Cultural, Caça-Submarina, Radio-Amadores, Som, Jogos de Salão, Fotografia. Existe também uma Torcida Organizada, que acompanha o Colégio em suas competições.

O Corpo de Alunos atual é composto por 460 Alunos. Conta o Colégio com 36 Oficiais, 33 Professores e 200 Praças. Há ainda grande quantidade de serviços feitos por vários civis. Todo esse Pessoal servindo em torno de um único e exclusivo objetivo: Formar o Oficial de Marinha em seus primeiros passos.

Esse é o Colégio Naval, ao extremo de 25 anos de existência nesta tranquila enseada, nesta acolhedora cidade. Este é o Colégio Naval hoje.

# A FRAGATA

## História de um ideal em forma de revista

Prof. Guilherme de Andrêa Frota

Aos jovens pioneiros que embarcaram no Colégio Naval em 1951, para cursarem suas três séries, devemos a idéia da realização de uma revista que fixasse seus dons literários e, ao mesmo tempo, que marcasse os eventos ocorridos durante o período escolar. Surgida fatalmente em fins de 1951, em meio aos calouros, tomou corpo em 1952, quando esses primeiros passaram ao segundo, transformados em veteranos com a extinção do terceiro ano. Batizada com o nome de REVISTA DO COLÉGIO NAVAL, publicava-se esse número um, em formato de 27 por 18,5cm, tendo como seu redator o Aluno Antonio José B. de Castro Mendes Leal. Estampou o cotidiano, ao lado de contribuições literárias e participação esportiva em suas 80 páginas, várias fotos de aspectos do Colégio dão uma idéia do que era esse estabelecimento de ensino nos albores de sua vida.

O que estes haviam legado produziu frutos e no ano seguinte, 1953, o número segundo da Revista, com idêntico formato e 54 páginas, era produzido, refletindo a melancolia daquele grupo de moços afastados do convívio familiar em busca de uma profissão e de um ideal. A boa participação literária demonstrava a expressiva dedicação à boa leitura, caracterizando a turma, que pouco se preocupou com os eventos esportivos, empregando-se o recurso de anúncios pagos como necessários para possibilitar a impressão.

Já tinham os veteranos de 1954 quase terminado o número terceiro, liderados pelo Aluno José Mesquita Nogueira Ayres, quando tomaram a decisão de mudar o nome da Revista para que melhor pudessem representar os seus anseios.

Aberto concurso, coube a vitória ao jovem Ayres, que apresentara o nome FRAGATA com dupla simbologia: uma categoria de embarcação, surgida provavelmente no século XIII, após adaptação da galera, esta já ultrapassada e pouco manobreira; "... e é por isto que vejo neste Colégio um enorme barco branco no verde da mata fundeado", escreveu, com isso identificando-se com o periódico da Escola Naval, A GALERA; e também porque assim é chamada uma ave marinha brasileira (Fregata magnificens Mathews), de porte altaneiro e nobre. A sua capa é a representação estilizada do que acabamos de expor. Agigantou-se esse número para 30,5 por 23 cm, com 78 páginas, em excelente papel. Esmaeceu tom triste e circunspecto dos números anteriores para, no colorido de suas páginas, dar lugar a uma alegria maior, com nítidas reproduções, fixando os eventos expressivos. Não esquecendo uma contribuição literária apurada, introduziu artigos científicos, algumas caricaturas e, pela primeira vez, uma reportagem sobre a viagem de instrução a bordo do NE Guanabara, bem como sobre o baile de formatura ou da Âncora.

Reproduziu-se em 1955 o mesmo estilo anterior, sob a liderança do Aluno Gil Pellegrini. A faina foi árdua e cansativa, esclarece a Redação, mas a FRAGATA chegava com panos içados a bom porto. Ressalta esse número pelos artigos em colaboração e pelo destaque ao esporte, deixando marcada a visita do Navio Escola ALMIRANTE SALDANHA, com os Guardas-Marinhas que haviam completado a viagem de instrução, e a excelente palestra do Diretor do Museu Histórico Nacional, Prof. Gustavo Barroso. O ano de 1956 introduziu

uma novidade: a FRAGATA é agora a Revista dos Alunos do Colégio Naval e não mais um Órgão do Grêmio. Suas 80 páginas obedeceram ao mesmo formato, tendo como Redator-chefe o Aluno Théophile Symphonio do Couto Netto. Bem dosado, esse número conseguiu equilibrar as diversas tendências, tornando-se mais objetivo, apresentando importante artigo do Almirante Penna Botto, sobre a Guerra Naval, e do Prof. Carlos de Carvalho, sobre a Academia de Annapolis.

O ano 6 teve como Redator-chefe o Aluno Lucimar Luciano de Oliveira, aumentando levemente de tamanho, conservando as mesmas 80 páginas e boa qualidade de impressão. Em amplo retrospecto, pode-se reconstituir os principais acontecimentos desse ano de 1957. Percebe-se uma diminuição gradativa das contribuições literárias e poéticas tão abundantes nos primeiros exemplares; o esporte ocupa maior espaço, ao lado das regatas e patescarias e da viagem a Santos e a Vitória.

Com uma sugestiva capa do Aluno Vicente Dias Neves, representando os sinais que o Alente. Barroso mandou içar na Amazonas a 11 de junho de 1865, surgiu a FRAGATA número sete, de 1958, tendo como Redator-chefe o Aluno Enrique Fontan Soto. Foi um belo álbum de recordação da turma que desembarcava, com um leve toque de pessimismo, pois acreditava-se na extinção da Revista, o que, afinal, não se cumpriu. Mereceu destaque a viagem de adaptação, em contratorpedeiros, as técnicas de um "bacalhau" e a alegria de poderem contar com um nova sede para o grêmio. As produções literárias decaem: era a imposição do materialismo. Mas tiveram esses

moços, pela primeira e única vez, a lembrança de uma alusão entusiástica ao Alte. Batista das Neves; o eterno Oficial de Serviço, como o chamaram. As suas 80 páginas continuavam a tradição.

Grandes dificuldades atravessaram os jovens que prepararam o Revista de 1959, ano 8, com o mesmo formato e 56 páginas, sob a direção do Aluno Newton Righi Vieira. Torna-se ela mais voltada para o aluno, pela primeira vez apresentando um quadro completo individual da turma, bem como dos prêmios, dos tipos especiais, do Pelotão Tamandaré, do desfile de Sete de Setembro. As produções literárias estão quase desaparecidas, tomando esse número um aspecto mais jornalístico.

Com 52 páginas e com o mesmo entusiasmo, a equipe dirigida pelo Aluno Paulo Ferreira da Silva elaborou o número 9, ano de 1960. Bem planejado, apesar da deficiência das reproduções fotográficas, conservou a mesma tônica: o Aluno, em torno do qual giram as atenções da revista. Algumas poesias, pequenos contos e o interessante artigo do CT Guenter Ungerer, sobre a arma submarina, dão corpo a esse exemplar.

Dez anos completava o Colégio! Os veteranos de 1961 formaram a equipe da revista com o Aluno Carlos Gentil Dias Vieira para chefiá-los e procurar caprichar. Esse número 10 contou com 52 páginas como o anterior, sendo desta-que a reportagem das solenidades do décimo aniversário. E com equilíbrio passaram dos contos às informações científicas, do humor ao Troféu Eficiência. Um bom trabalho de jovens vibradores. Contrasta com esse o número 11 de 1962, com 27,5 por 21 cm e 52 páginas. Os ventos não estavam bons para o Brasil naquela época, lutando os Alunos com dificuldades várias: apesar disso, o Redator-chefe, Aluno Ivan Polari de Aiverga com seus colaboradores, conseguiram levar a bom porto a sua FRAGATA. Não chegaram a inovar, limitando-se a repetir as mesmas reportagens dentro das técnicas anteriores, não explorando as visitas de diversas personalidades, especialmente a do então



## Revista do Colégio Naval

ORGÃO DO GRÊMIO DO COLÉGIO NAVAL

ANO 1

ANGRA DOS REIS

N. 1

### O QUE HOJE LEGAMOS

**Q**UERM pela primeira vez, vê esta Revista, que m. à sua cap. deslumbrava alta e acolhedora casa, não costura, por certo, das inúmeras problemas que nos assaltaram, de consecutivas dificuldades enfrentadas.

Obstáculos não se contornam: transpõem-se — pronunciou alguém. Fácil é dizer, porém, difícil torna-se fazê-lo. Fatos difíceis, mas não impossíveis. Assim, horas e horas arrancamos ao tempo — o tirano cruel — e consagramos-las, miradas, à construção de um punhado de ideias jovens e esperançosas, punhado este, que cremos ser a nova fase de nossa vida, um prelúdio de cada coração que vibra pelo triunfo e glória de seu dono — o COLÉGIO NAVAL. Fauto pois; do sacrifício honroso e da colaboração franca e expontânea de muitos, surge por fim a Revista do Colégio Naval.

O leitor amigo poderá ver falhas em nosso trabalho, justamente, para compensá-las, contamos com sua benevolência.

As pessoas que, mostrando serem possuidoras de alto espírito de compreensão, ajudaram-nos a vencer, agradecemos com todo o nosso reconhecimento.

A revista que hoje legamos, são grandes os nossos votos de um futuro de ouro.

- Seja ela a que nos sirva, represente em tempos vindouros, as ideias e propósitos daqueles que esperam nela vê-los realizados.

REVISTA DO COLÉGIO NAVAL

Uma Reprodução do editorial da primeira Revista.

Ministro da Marinha, Alte. Pedro Paulo de Araujo Susano. O ano 12, relativo ao ano de 1963, conservou o mesmo formato anterior, com 52 páginas, melhor diagramadas, porém com uma reprodução fotográfica deficiente. Surge a presença de um Diretor da Revista, Aluno Eduardo de Faria Pereira, passando a segundo o redator-chefe. Resenharam o que se passou durante o ano para a posteridade, alterando alguns desenhos com as fotografias.

O número 13, correspondendo a 1964, foi formado por uma equipe de jovens idealistas, dirigida pelo Aluno Carlos Eduardo Araujo Motta, reflexo dos novos momentos que caminhava a Pátria. Em sua apresentação o seu Diretor relaciona o nome da revista com a ave marinha e diz: "Lula! Nada conseguirá insular-te no oceano ignoto em que agora passas a morar; confia em ti e nos que te governam, e haverás de vencer os abismos hiantes que se te apresentarem". A capa, desenhada pelo Aluno Alex Martins de Sousa, abre exemplar de 70 páginas em formato de 32 por 23 cm. Encerra este número as observações sobre a visita ao NAE MINAS GERAIS, a expedição ao forte da Ponta do Leme em Angra dos Reis, notícias sobre campeonato de vela, patescaria, eventos esportivos, seção literária e personalidades visitantes. Os retratos individuais de cada um dos componentes da turma, com seus apelidos, deram um toque de originalidade ímpar.

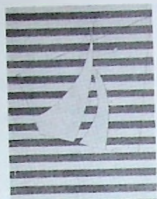
Não chegou a ser publicada a FRAGATA em 1965. Apesar de ter sido executada, ultrapassou em muito as possibilidades da verba existente, tornando-se inexecutável.

Numa bela concepção do Aluno Moreira, servindo de capa para a FRAGATA de 1966, número 15, observamos o desejo de seu Diretor, Aluno Luiz Ernani Gonçalves da Rocha, de "mexer com toda a estrutura que fazia navegar a FRAGATA de ontem". Abrindo com dois artigos históricos, As Primeiras Origens do Submarino e A Tática Naval na Antiguidade, contendo gráficos e reproduções, a revista atingiu alto nível de interesse. A resenha do ano mostrou os diversos aspectos, incluindo-se a programação da Il NAE, que teve lugar em Barbacena, na EPCAR, levantando o Colégio Naval o Bi-

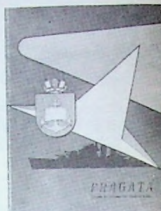
Revista do Colégio Naval



1952



1953



1954



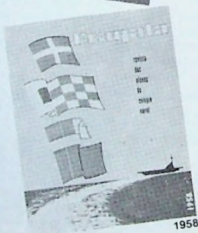
1955



1956



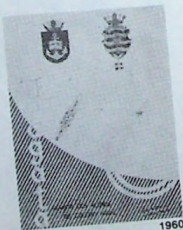
1957



1958



1959



1960



1961



1963



1962



1964



1966



1969



1970



1970



1971

campeonato. Com colaboração exclusivamente dos alunos, uma caprichosa seleção de fotos e pela primeira vez a presença de toda a Turma, dividida por grupos descontraídos e informais, podemos afirmar que esse número marcou época, tendo a sua equipe alcançado plenamente a meta que se propuseram, em sua 72 páginas, com formato de 32 por 23,5 cm.

Não se fizeram ao mar as FRAGATAS de 1967 e 1968. Despreocuparam-se os jovens dessas turmas, preferindo outras atividades imediatas e materiais.

Mas em 1969 conseguia a revista renascer, em seu ano XVIII, número 16, com 48 páginas, em 27 por 20,5 cm, sendo seu Diretor o Aluno Ronaldo Rômulo Rocha Lages, apresentando uma alteração: passava o seu nome para A FRAGATA, em atenção ao registro da propriedade industrial. Entretanto, a impressão off-set em papel não muito apropriado, impossibilitou o desempenho iconográfico; apenas um artigo científico, sobre Satélites Artificiais, e duas entrevistas, técnica que pela primeira vez aparece.

Os alunos que formaram o grupo literário para confeccionar A FRAGATA em 1970 tiveram a idéia de publicar dois números nesse ano; contaram com o entusiasmo de seu Diretor, o Aluno Fernando Antonio de Siqueira Ribeiro e o apoio do então Diretor do Colégio, CMG Paulo Freire, sendo o número 17 relativo ao primeiro semestre e o 18, somente publicado em abril de 1971, correspondendo a segunda fase. O primeiro dos dois conservou o mesmo formato anterior com 48 páginas, onde foram enumerados os eventos; foi um trabalho simples, com alguma precariedade na reprodução fotográfica, ressaltando as obras de melhoria do CN e flagrantes das atividades militares e diárias da vida escolar e esportiva. Já o segundo número tornou-se a antítese desse primeiro; suas 80 páginas e bom papel permitiu uma impressão off-set mais apurada e se fizeram presentes diversas reproduções coloridas. Um Retrato da Ilha Grande, a Transamazônica, o Subdesenvolvimento no Mundo, artigo de fundo do Prof. Gilberto Alves da Silva, são seus principais assuntos, dando-se destaque a VI NAE cuja taça veio, viu, mas não ficou... Bem diagramado, mesclando fotos a

desenhos e charges humorísticas, este número 18 é jovial, alegre, correspondendo a uma fase de vibração desenvolvimentista da Nação.

Não conseguiu o número 19 o mesmo nível anterior; conservou-se formato em 56 páginas que procuraram retratar a turma de veteranos de 1971. Dirigiu a equipe o Aluno Nelson Alves da Silva Filho; versou a revista sobre a poluição atmosférica, o Mar e seus Aspectos, aula inaugural do Prof. Wilson Fernandes Barbosa, e sobre Parati, Retrato do Passado. Apesar do encarte em papel bege, o que lhe deu um aspecto diferente, pecou por não ter deixado testemunho da turma: nem um retrato.

Composto em dattilografia e impresso em off-set, todo em preto-e-branco, com exclusão da capa, o número 20, de 1972, contou como seu Diretor o Aluno José Luiz Barreira Batista. Com o formato de 31 por 20,5 cm e 70 páginas, esta revista preocupou-se com Aratu, realizou uma entrevista com S. Excia. o Alte. Hilton Berutti Moreira, estampou um estudo sobre a Marinha Soviética, bem como uma apreciação sobre as novas armas da Marinha e a sua participação no desenvolvimento científico da Nação. É um número áspero e frio, dando pouca ênfase ao aluno, o que devia ser o seu maior objetivo.

Os jovens veteranos de 1973 que participaram do Grêmio e da redação da Revista nela depositaram grande entusiasmo. Dirigidos pelos Alunos Luis Carlos de Carvalho Roth e Francisco Roberto Portella Deiana, projetaram-na com carinho nas várias reuniões durante o ano, algumas das quais pude comparecer e dar uma contribuição pessoal. Preferindo um formato menor e mais cômodo (27,5 por 20,5 cm) com 68 páginas em off-set policrômico, esse número 21 distinguuiu-se justamente por ser um testemunho, representando para futuro um documento. Abrindo com um resumo sobre a Política de Integração Nacional, aula inaugural do Prof. Gilberto Alves da Silva, passou pela Guerra Revolucionária, pelas manifestações musicais da atualidade, pelos flagrantes da vida colegial e esportiva, por um estudo do Poder Naval entre as Guerras Mundiais e uma apreciação sobre a importância da Escola Naval, completando com diversas fotos da turma que ia embora. Um encarte, com o retrato de todos,



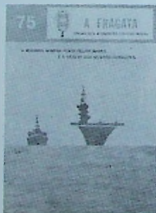
1972



1973



1974




1975

homenageia ao CMG Hugo Stoffel, então Diretor do Colégio.

A FRAGATA de 1974, n.º 22, alcançou um verdadeiro status de revista moderna e com poucos defeitos técnicos. Privamos da amizade de seu Diretor, o Aluno Domingos Sávio Almeida Nogueira e de toda a equipe, permitindo, pela receptividade encontrada, contribuir com tudo que nossa experiência havia antes amalhado. Suas 88 páginas policrômicas, em formato de 28 por 21 cm, refletem o idealismo e a vibração desses moços. Uma entrevista com S. Excia. o Sr. Ministro, Alte. de Esq. Geraldo de Azevedo Henning, a vida no interior de um submarino, a patescaria, a importância da vela, um estudo sobre a Central Nuclear de Angra, de autoria do Eng. José Eduardo Leme Salvatore, uma apreciação sobre as modernas fragatas em construção e uma história do Colégio, de nossa lavra, fruto de mais de ano de pesquisas, somando tudo à presença dos esportes e cotidiano, deram a esse exemplar um equilíbrio invejável, reunindo o passado ao presente, a história à ciência, o cultivo do espírito ao preparo físico. Falhou, porém, a reprodução iconográfica, nem sempre muito nítida.

Acabávamos de fechar este artigo quando o mais recente número chegava às nossas mãos. O número 23, de 1975, ocupou 58 páginas em formato de 32 por 22,5 cm. Dirigido pelo Aluno Paulo César d'Império Teixeira, repetiu uma entrevista com S. Excia. o Sr. Ministro da Marinha, que, com sua personalidade cativante respondeu às perguntas dos Alunos, passou por uma biografia do Alte. Alexandrino de Alencar. Patrono da Turma, narrou os eventos sociais, esportivos e militares; apresentou, ainda, artigos sobre o controle dos mares, o Corpo de Fuzileiros Navais e a Imprensa Naval.

Essa a história de A FRAGATA (cuja coleção completa existe apenas no Colégio Naval), espelho de cada turma, testemunho de um passado recente, tradição para ser seguida em futuro. Sua importância é enorme, pois constitui pedrã angular do acervo que hoje nos permite reconstituir episódios e eventos da história desse modelar educandário militar, uma história viva e dinâmica.



# Mar. Destino comum

*Há 25 anos, o Colégio Naval, além da importante obra que realiza em benefício da juventude e da Marinha de Guerra do Brasil, ajuda Angra dos Reis a se manter em lugar de destaque entre as cidades do País. Pelo elevado nível de ensino que desenvolve neste exemplar centro de estudos.*

*Por toda a oposição que dá as atividades da comunidade local. Alinhar todas as realizações do Colégio Naval seria longo.*

*E talvez injusto, porque algumas das mais importantes poderiam ser omitidas.*

*Afinal, são 25 anos que fazem história.*

*Tenda à mar por 25 anos.*

VEROLME



### Nosso Escudo

Possui, em campo azul, uma âncora de prata, e brocante sobre ela, um livro aberto, de sua cor, com as palavras: CLASSIS SPES em letras pretas. O Escudo é encimado pela Coroa Naval.

Foi criado a 18 de maio de 1954 pelo decreto n.º 35 512 do Exm.º Sr. Presidente da República, de acordo com o Artigo 87, Inciso Primeiro, da Constituição.

Pelo decreto 52 723, de 21 de outubro de 1963, foi alterado para "no escudo de armas ser incluído pendente da respectiva fita, a insígnia da Ordem do Mérito Naval".